

Vivian Heringer Pizzinga
Andréa Rodrigues

O som do silêncio

em cárceres dos regimes totalitários: o caso uruguaio

O filme *Uma noite de doze anos*, com roteiro e direção de Alvaro Brechner, trata da prisão, durante a ditadura uruguaia, de três personagens históricos: José Alberto Mujica Cordano, o Pepe Mujica, que, como sabemos, tornou-se, posteriormente aos fatos narrados no filme, presidente do Uruguai, e os escritores e jornalistas Eleuterio Fernández Huidobro (El Nato) e Mauricio Rosencof (o Russo) – autores de *Memorias del calabozo* (Banda Oriental, 2005), livro no qual o filme se baseia.

A noite que dura doze anos é o período em que Mujica, El Nato e o Russo ficam presos, em celas separadas, em lugares desconhecidos, provisórios, sendo transferidos para diferentes ca-

labouços de modo a que ninguém (e menos ainda eles próprios) soubesse, a princípio, onde estavam.¹ Trata-se, pela temática abordada, de um filme urgente, obrigatório, ainda que nos faça sofrer e ter calafrios à noite, e vem sob medida no atual contexto de democracia de “baixíssima densidade”² que espantosamente estamos vivendo

¹ Hoje a última prisão onde Pepe Mujica esteve é um *shopping center* chamado Punta Carretas, em bairro de mesmo nome em Montevidéu, capital uruguaia, que preserva a fachada da prisão, embora seu interior seja o de um *shopping* como qualquer outro em qualquer lugar do mundo.

² Para usar os termos do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, por ele utilizado em conferências e palestras.

Vivian Heringer Pizzinga

é psicóloga no CEFET-RJ, doutoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ e autora dos livros de contos “Dias Roucos” e “Vontades Absurdas” (2013) e “A Primavera Entra Pelos Pés” (2015), ambos lançados pela Editora Oito e Meio.

vivianhp@globo.com

Andréa Rodrigues

é doutora em Linguística (PUC-Rio), editora-chefe do periódico “Pensares em Revista”, professora do Mestrado Profissional em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

andrearodrigues.lettras@gmail.com

no Brasil. A América Latina (ou parte dela) parece atualizar regimes totalitários de governo, salpicados de excepcionalidades crescentes, à guisa do que parece ser uma guerra imperialista decadente na conjuntura internacional em que os Estados Unidos vêm perdendo espaço e mercado para a China e não pretendem deixar barata essa flagrante e processual derrota.

Uma noite que dura doze anos, uma noite sem fim, é o que vivem os protagonistas, às vezes a poucos passos da desorientação psíquica: isolados, famélicos, sujeitos, maltratados, sedentos, ameaçados, amedrontados, açoitados e, finalmente, incomunicáveis. Essa incomunicabilidade perdura de modo absoluto até acharem saídas interessantes e que conferem leveza ao filme, como a comunicação entre paredes que permite jogos de xadrez e compartilhamento de notícias de jornal (com preços de produtos) que, em qualquer outro contexto, seriam desimportantes, mas que, para quem está isolado do mundo, podem ser a âncora que se agarra à saúde mental e ao mundo lá fora. Essas notícias, de jornais velhos catados sabe-se lá como, são a prova de que existe um mundo acontecendo à revelia dos calabouços mal iluminados, como eram os “ergástulos”, locais onde os escravos romanos viviam, presos em subterrâneos em que até dormir era um acontecimento acorrentado. Os detalhes da liberdade – aqueles mesmos que passam despercebidos para quem a tem nas mãos – são jornais velhos, linguagem inventada com códigos muito próprios, resultados de jogos de futebol, miudezas que só a poesia de Manoel de Barros seria capaz de captar ainda que em liberdade.³ A noite de doze anos

³ Em *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, Manoel de Barros (2001) nos diz: “Percorro todas as tardes um quarteirão de

é aquela em que estão privados de luz solar e, como ilhas que podem afundar em breve, são rodeados de silêncio, ratos e mau cheiro por todos os lados. Daí que *The sound of silence*, de Simon & Garfunkel, em uma cena emocionante mais para o final do filme, faz todo o sentido e explode, junto com as cenas de banho de sol, ao expressar, mais do que qualquer explicação racional, algo que se aproxime do horror que deve ser estar privado de liberdade e desprovido de toda e qualquer dignidade por anos intermináveis, vivendo sob a égide de um regime autoritário.

O que fica patente é a perversidade concreta do sistema militar e da ditadura vivida no Uruguai. O saldo, além de mortes e muito sofrimento, são cárceres gélidos, carrascos que levam seus presos encauzados por corredores labirínticos e estreitos, sem terem sido julgados, entregues ao abandono e sadismo (sem cenas de tortura física, porém com evidente tortura psicológica).

O poder enlouquecedor de um sistema carcerário e os absurdos de um regime militar ditatorial ficam patentes nas cenas brilhantes de Mujica, em que o controle do pensamento excessivo parece ser a mais árdua tarefa existente. Eu ousaria dizer que tais cenas convocam a psicanálise, a psicologia analítica (de Carl G. Jung) e a psiquiatria para refletir sobre as

paredes nuas./ Nuas e sujas de idade e ventos./ Vejo muitos rascunhos de pernas de grilos pregados nas pedras./ As pedras, entretanto, são mais favoráveis a pernas de moscas do que de grilos./ Pequenos caracóis deixaram suas casas pregadas nestas pedras/ E as suas lesmas saíram por aí à procura de outras pedras./Asas misgalhadinhas de borboletas tingem de azul estas pedras./ Uma espécie de gosto por tais miudezas me paralisa./ Caminho todas as tardes por estes quarteirões/ desertos, é certo./ Mas nunca tenho certeza/ Se estou percorrendo o quarteirão deserto/ Ou algum deserto em mim”.





tênuas fronteiras entre a insanidade e a sanidade, o inconsciente a céu aberto que permite a intuição e a psicopatologia inequívoca da vida cotidiana e da vida em estados de exceção. Assim, em todas as cenas de supostas alucinações visuais e pensamento delirante de Mujica, havia ali uma ligação com a realidade. As bordas bem marcadas entre intuição e psicose já estão esgarçadas, a linha é tracejada, permitindo o trânsito entre um estado e outro, o vaivém entre a sanidade e a loucura, e exige que repensemos as noções de diagnóstico e de estruturas (da psicanálise lacaniana).

São três os momentos que permitem essa análise: o primeiro é a cena em que Mujica vê sua mãe numa espécie de janela e com ela conversa, como se recebesse a visita de um anjo da guarda. O interessante é que paralelamente a essa vivência psíquica do personagem, sua mãe realmente se encontra do lado de fora da prisão, querendo saber se seu filho está preso ali. Quando ela tem a notícia de que os guardas não têm notícias (assim mesmo, a confusão das informações passadas aos familiares é própria de um regime totalitário, em que não sabemos o que é verdadeiro ou não, quais as notícias em que se pode confiar e quais as que jamais são passíveis de crédito, ou o que hoje se tem chamado de *fake news*), enfim, quando ela percebe que nada mais conseguirá ali, afasta-se, indo embora, e a imagem que Pepe Mujica vê também vai sumindo.

O segundo momento é aquele em que eles estão em um bar e Mujica começa a estranhar o ambiente, tendo uma espécie de alucinação visual, em que os companheiros estão todos encapuzados e algemados;

sua desconfiança vai crescendo até que, repentinamente, ele tenta fugir. De fato, havia uma emboscada sendo montada, a qual ele havia percebido antes de acontecer. Para o espectador, a princípio, o que vem à cabeça é que o período em que ficou preso fez com que perdesse parte de sua sanidade e se tornasse paranoico, mas logo percebemos que não, Mujica estava percebendo bem a realidade.

O terceiro e último momento aparece ao final do filme, mas, na ordem cronológica dos acontecimentos, é um dos primeiros fatos. Mujica e demais companheiros estão ainda no início da ditadura militar, na casa de algum dos militantes políticos, e ele percebe um silêncio estranho, tal como o recuo do mar que precede a tsunami que só os animais têm o radar apurado a ponto de captar e perceber (para, então, fugir). Ele pergunta aos colegas se notam o silêncio e aponta a estranheza inerente àquela incomum ausência de sons. Imediatamente, buscam um esconderijo e o que vem na sequência realmente não é bom: talvez o início de uma noite triste, sem fim.

Essas três cenas tornam pertinente o questionamento acerca do que há de presságio nas visões, nos surtos, nos sonhos, nas vivências alucinatórias. Certamente, Mujica não parava de pensar, o que é enlouquecedor, e esteve realmente muito perto de um surto psicótico. A consulta com a psiquiatra, que, sutilmente, o ajuda a aguentar mais um pouco, mostra que há sintomas psicopatológicos claros, porém motivados por um contexto político psicotizante, uma loucura conjuntural manifestando-se em uma de suas vítimas diretas. No entanto, da mesma

forma que Freud fala que o delírio é uma forma de cura,⁴ pode-se dizer também que os momentos de enlouquecimento iminente foram os momentos que o salvaram. É possível aventar a hipótese de que, na cena do silêncio antes de ser preso, Mujica, se não percebesse algo de errado e não se escondesse, seria assassinado.

Esse poder enlouquecedor afeta a todos, como um contágio que acontece em multidões, e trabalhadores do sistema carcerário já não se sabem mais como seres humanos. A normopatía, apontada por Christophe Dejours (1999) em *A banalização da injustiça social*, tampouco é saída saudável. Eichmann foi julgado por ter enviado judeus às câmaras de gás, e sua justificativa era ter cumprido ordens. Ora, não havia nenhum tipo de sofrimento ético em Eichmann? A normopatía também é uma forma de adoecimento.

Não se sabe quanto a Eichmann, mas um último aspecto interessante do filme é o afeto possível entre a vítima e o algoz. É estranho pensar que esse afeto pode existir e pode até promover alguma salvação (seja em termos físicos, quando se adquire mais presentinhos fundamentais para a sobrevivência, seja em

termos emocionais, quando algum reconhecimento se pode angariar). O escritor, que conquista alguns soldados à guisa de Cyrano de Bergerac, tecendo cartas de amor às amadas dos verdugos, acaba por ganhar respeito, confiança e, o que é mais importante para um escritor: papel e lápis. Agora ele já não morrerá. É a morte em vida aquilo que um escritor evita ao conquistar o afeto de seu algoz, que já será menos algoz, e que, quando o reencontra, conta as notícias de um casamento que aconteceu graças à habilidade do artista.

É preciso finalizar esta resenha apontando que *Uma noite de doze anos* é um alerta, uma mensagem que faz com que nos lembremos do que foi o regime militar no Uruguai, o que foram os anos de chumbo no Brasil. O filme é uma lembrança para que jamais minimizemos o horror da ditadura, chegando em momento fértil para pensarmos o Brasil de 2019, 2020, 2021, 2022 e assim por diante. ■

Referência da obra resenhada:

Uma noite de doze anos. Direção de Alvaro Brechner. Madrid: Tornasol Films/ Paris: Manny Films, 2018.

⁴ Em *Neurose e psicose* e em *A perda da realidade na neurose e a psicose*, por exemplo, Freud (1924) irá defender a importância do delírio na psicose.